

## **Produções culturais musicais na construção de modos de subjetivação gay cisgênera em diferentes gerações**

Luiz Henrique Coelho de Siqueira Teixeira<sup>1</sup>  
Benedito Medrado<sup>2</sup>  
Túlio Vinícius Andrade Souza<sup>3</sup>

**Resumo:** O artigo apresenta alguns resultados de pesquisa, de orientação qualitativa, cujo objetivo foi analisar entrelaçamentos de produções culturais na construção de modos de subjetivação gay, dialogando com pessoas de diferentes gerações. Partimos do pressuposto que, em uma sociedade marcada por regimes de verdade associados à cisheteronormatividade, a produção de si organiza-se a partir de regulações diversas, e as produções culturais têm atuado, ao longo de gerações, como catalisadores e produtores estéticos de agenciamentos possíveis. Esta leitura é orientada a partir de uma lente epistemológica (pós)construcionista e nosso corpus de análise foi elaborado a partir de narrativas produzidas com homens gays cisgêneros, residentes na região metropolitana do Recife, os quais foram organizados em dois grupos: (1) homens jovens que em 2021 tinham idade entre 18 e 24 anos; e (2) homens idosos que, no início da década de 1980 (quando se instituem os primeiros grupos organizados de luta homossexuais em Pernambuco) tinham entre 18 e 24 anos. A análise das práticas discursivas foi orientada a partir da construção de mapas dialógicos, a partir dos quais percebe-se, em linhas gerais, que a música se configura com função especial nas construções de si, seja na dimensão de reconhecimento por aquilo que se assemelha ao suposto eu, seja como espaço de apoio/refúgio para situações de violências, garantindo a possibilidade de livre expressão e de transgressão das normas impostas socialmente.

**Palavras-chave:** Subjetivação gay. Música. Narrativas. Abordagem geracional.

---

<sup>1</sup> Residente Hospitalar e Mestrando em Cuidados Paliativos pelo Instituto de Medicina Integral Prof. Fernando Figueira (IMIP); graduado em psicologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); pesquisador associado do Núcleo Feminista de Pesquisas sobre Gênero e Masculinidades (Gema/UFPE); E-mail: psico.luizteixeira@gmail.com;

<sup>2</sup> Docente dos cursos de graduação e pós-graduação em psicologia da UFPE; Doutor em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; co-coordenador do Núcleo Gema/UFPE; E-mail: benedito.medrado@ufpe.br;

<sup>3</sup> Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFPE; graduado em psicologia pela UFPE; pesquisador associado do Núcleo Gema/UFPE; E-mail: tulio.andrade09@gmail.com.

Esse trabalho se situa no campo das pesquisas sobre gênero e sexualidade que têm como objeto de estudo os modos de subjetivação e, para situar melhor nosso objeto, tomamos por base as reflexões de Sonia Mansano (2009), baseada em Gilles Deleuze, Michael Foucault e Félix Guattari.

Com o objetivo de compreender possíveis caminhos na construção das subjetividades, Mansano (2009) define a subjetividade como um processo contínuo que tem como base a interação com o outro. Esse “outro”, aqui, é entendido não apenas como outro sujeito, porém o outro que provém da natureza, do social, de um acontecimento ou de uma invenção. Tomamos o outro como aquele/a que produzirá efeitos nos corpos e, conseqüentemente, nas diversas formas de viver.

Essa subjetividade ou, mais precisamente, esses modos de subjetivação estão entrelaçados diretamente ao momento sócio-histórico em que a pessoa se insere e se orienta por um contínuo fluxo dialógico. Esse fluxo se atualiza, modificando-se e se reinventando e, conseqüentemente, as mudanças sociais partem dessa lógica que se organiza a partir de matriz política do ser, historicamente situada. Mansano (2009) expressa a noção de subjetividade como uma “matéria-prima viva e mutante a partir da qual é possível experimentar e inventar maneiras diferentes de perceber o mundo e de nele agir” compreendendo, então, os componentes da subjetividade com “valor e duração históricos” (p. 112).

Partindo das perspectivas teóricas de Deleuze, Mansano (2009) compreende o sujeito como aquele que irá se constituir no dado que está presente na experiência com aquele “outro” supracitado. Não teria, portanto, um sujeito já dado a priori, mas aquele que é dotado do vir a ser dentro de uma noção que foge da estabilidade definitiva. Sendo assim, esse sujeito irá passar pelos processos de subjetivação partindo de encontros com o dado, com o outro, e tomando esse encontro enquanto força dentro deste processo.

Por fim, Mansano (2009) pensa a teoria foucaultiana a partir da noção de “modos de subjetivação” partindo do estoicismo grego. Naquela época, entendia que o

cuidado de si era uma prática facultativa e que os sujeitos poderiam optar por tê-la e, assim, conseguir auxiliar governando a sociedade. Tomava-se essa posição política de forma que não fosse universalizada, imposta, até um determinado momento. Entretanto, ainda dentro do estoicismo, surge um movimento de imposição deste cuidado de si a fim de que as fraquezas dos sujeitos pudessem ser combatidas. Estas fraquezas eram relacionadas diretamente ao prazer e isso se torna a base para os primeiros passos de uma doutrina que repudia os prazeres físicos/psicológicos pautados no julgamento moral cristão, nas penitências e nas purificações.

Desta forma, Foucault entenderia, segundo Mansano (2009), que as lutas políticas atuais são pautadas contra os seguintes aspectos: (1) formas de dominação; (2) formas de exploração; (3) forma que liga o indivíduo a si mesmo a partir de uma submissão. Esta última é característica do final do século XX e

[...] coloca em evidência os modos de subjetivação e as possibilidades de resistência que neles atualizam. Resistir hoje se torna uma ação política. [...] A regra universal [...] simplesmente inviabiliza o contato com a diferença e com a criação de novas possibilidades de existir (Mansano, 2009, p. 114).

Assim, a dimensão histórica dos componentes de subjetivação resiste à pretensão de uma subjetividade compreendida como universalidade dos modos de subjetivação. Assim sendo, pensar em subjetivação dentro da teoria foucaultiana é entendê-la a partir da relação entre a política, a ética e a estética (Ferreira Neto, 2017).

Peter Fry (1982), por exemplo, partindo de sua pesquisa que visava entender as relações entre homossexualidade e religiões afro-brasileiras em Belém, nota as possibilidades no que se refere à compreensão da sexualidade gay naquela cultura. O autor percebe que, neste campo de pesquisa, e que aqui trazemos como analogia para um contexto mais amplo, os conceitos de “homossexual”, “homossexualidade”, “bicha”, “gay” e “homem” estão nitidamente entrelaçados com um contexto sócio-histórico situado local e economicamente: enquanto o termo “bicha” estaria associado à função de gênero feminino e à passividade durante o ato sexual, o termo “homem” estaria

vinculado a uma maneira de se comportar culturalmente definida como “masculina”. Assim, mesmo que esse “homem” tenha relação homoafetiva, se assim a fizer de maneira dominante/ativa, poderia não perder esse status adquirido socialmente (Fry, 1982; Green, 2000).

James Green (2000) sinaliza, a partir de seus estudos, para a complexidade das posições subjetivas no jogo das relações homoeróticas. Segundo esse autor, essas posições subjetivas são orientadas por posições de classe, em que o modelo “homem”/“bicha” estaria fortemente associado à origem pobre e operária; já os “[...] homossexuais urbanos de classe média [...]” (p. 29) se articulariam mais diretamente a uma identidade “gay”.

Na mesma perspectiva, para Peter Fry (1982), as sexualidades estão implicadas em

[...] todo um conhecimento social e coexistem com ideologias políticas conflitantes; com cosmologias religiosas, com ideologias produzidas sobre raça, idade etc. em outras palavras, para entender a forma e o conteúdo dos sistemas de representações sobre a sexualidade, é fundamental perceber que eles são produzidos num contexto político muito mais amplo (Fry, 1982, p. 88).

Esses pontos destacados por Fry nos permitem pensar que momentos históricos distintos produzem condições particulares que orientam o modo como a homossexualidade é percebida e como pessoas que assim se identificam constroem suas concepções de si.

Os momentos iniciais de construção do movimento social em defesa da livre expressão da sexualidade e dos direitos sexuais no Brasil se organizaram e foram progressivamente se institucionalizando na década de 1980. Pensar nesse momento do país nos remete aos acontecimentos finais da ditadura militar brasileira, no processo progressivo de retomada da democracia no país, ainda marcado com rastros de todas as suas ações. Naquele momento, toda a teia cultural brasileira estava amplamente imersa na censura promovida pelo governo desde a década de 1960 (Green, 2000).

Foi apenas no fim dos anos 1960 e no início dos anos de 1970 que tivemos uma “[...] revolta política e social. As ideias da contracultura haviam penetrado no Brasil e influenciavam muitos jovens da classe média” (Green, 2000, p. 409). Esse movimento reverberou, portanto, em instâncias dos dispositivos culturais, sendo a música um deles. Assim,

Os grupos teatrais, como o Teatro Oficina, faziam o público de classe média confrontar-se com cenas sexualmente explícitas que, de alguma forma, conseguiam passar pela censura. O tropicalismo, com Gil, Caetano, Maria Bethânia e Gal Costa, trazia à cena a imagem de uma sensualidade despudorada, e seus membros não faziam questão de desmentir as especulações sobre suas relações homossexuais. [...] a figura unissex popularizada por Caetano e outros em 1968 foi levada ainda mais longe por outros artistas, de modo mais notável pelo grupo de teatro Dzi Croquettes e o cantor Ney Matogrosso (Green, 2000, p. 409).

Ainda segundo Green, esses últimos artistas citados tomavam esse desvio dos papéis de gênero estabelecidos na época como uma maneira de conseguir desestabilizar a padronização dos corpos e, conseqüentemente, da heterossexualidade compulsória<sup>4</sup> (Antunes, 2017; Parente; Moreira; Albuquerque, 2018) e tudo o que ela acarreta como prática e normativas de ser. Esse ato, por parte dos artistas, ultrapassava os limites de suas letras musicais e performances no palco, chegando, assim, na construção de novos modos de ser para a população homossexual da época.

Isso tudo se deu em um momento em que a informação sobre esta temática, quando disponível, chegava aos poucos na população, principalmente por meio de jornais alternativos destinados exclusivamente à pauta da diversidade sexual e que conseguiam burlar a vigilância e a censura. Mesmo que os veículos nacionais da época divulgassem minimamente algo sobre a temática, não necessariamente era com um viés positivo sobre o movimento e luta da população de Lésbicas, Gays, Bissexuais,

---

<sup>4</sup> Conceito abordado pelos autores, que compreende possíveis tentativas, realizadas pela população LGBT+, de mudança nas formas de existir e de se performar com foco na adequação às normas sociais ligadas à heterossexualidade.

Transexuais e Travestis e outras sexualidades e identidades de gênero (LGBT+), algo que diferia um pouco da imprensa internacional da época (Green, 2000).

Diante desse cenário e dos argumentos das produções científicas supracitadas, partimos do pressuposto de que pessoas LGBT+ podem enfrentar diversas dificuldades para uma livre expressão a partir de seus desejos, rompendo com a lógica do “armário” (Braga *et al.*, 2018). Monteiro e Silva (2018) trazem a representatividade como uma das possibilidades da formação identitária, sendo um modo pelo qual uma pessoa pode se formular, afirmar e empoderar como LGBT+.

No momento de encontro com este suposto armário, podem emergir novos contatos com a própria sexualidade, assim como com a rede de amigos, sendo fator importante que pode se relacionar com a saúde mental e com o bem-estar (Perucchi; Brandão; Vieira, 2014; Braga *et. al*, 2018; Silva, 2022). Com isso, é possível pensar nas diversas possibilidades relacionadas à importância de artistas musicais como agentes dentro dessa rede de apoio do sujeito, a partir de outro tipo de aproximação.

A temática da produção cultural em geral e da música em particular como referências importantes no processo de construção de si por pessoas LGBT+ pode ser debatida em diversos momentos do desenvolvimento da vida do sujeito. Pensando que o encontro com o dispositivo do “armário” pode ter uma maior complicação durante o período da adultez emergente (Brandão; Saraiva; Matos, 2012), se faz ainda mais presente nessa faixa etária, dos 18-24 anos de idade, uma análise e reflexão de possíveis relações dessa identificação de si como LGBT+ com dispositivos sociais diversos. Silva *et. al* (2020) citam a música como instrumento de aproximação entre amigos dentro da adolescência uma vez que as questões identitárias, culturais e de crenças podem ser dialogadas por meio deste recurso. Zarobe e Bungay (2017) também contribuem com essa ideia de que a arte, neste caso a musical, pode ser um instrumento que ajude o sujeito a melhorar a autoestima e o seu empoderamento dentro do seu segmento social.

Considerando o supracitado, o objetivo foi analisar entrelaçamentos de produções culturais na construção de modos de subjetivação gay, dialogando com

peças de diferentes gerações residentes na região metropolitana do Recife. Para tanto, este artigo se propõe a analisar as respectivas narrativas desses homens sobre o modo como passaram a se definir como gay/homossexual e como a produção cultural contribuiu nesse processo.

### **Metodologia**

Esta produção se situa a partir da crítica proposta por Donna Haraway (1995) aos modos de se fazer pesquisa. A autora critica veementemente a lógica da objetividade que é pregada por uma ciência hegemônica, ditando a relevância com base em uma suposta descoberta do mundo pelo/a pesquisador/a. Ademais, afirma que o fazer ciência é um campo de poder e, ainda, a partir de uma lógica feminista do fazer científico, que precisa “[...] do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro” (Haraway, 1995, p. 16).

A perspectiva epistemológica tradicional de pesquisa (defendendo uma proposta imparcial, impessoal e objetiva) acaba levando o fazer científico a uma proposição e a uma prática em que a implicação do/a pesquisador/a com o seu tema/objeto de pesquisa acaba por ser um agravante estressor em todo o processo. Contudo, é evidente que toda e qualquer busca por imparcialidade é, de certa forma, em vão, visto que o/a pesquisador/a carrega uma bagagem de vivências e conhecimentos que influenciam direta ou indiretamente sua pesquisa. É nessa perspectiva de produção científica trazida por Donna Haraway (1995) que se propõe construir, analisar e explorar este campo, ressaltando, portanto, que este estudo parte do interesse de pesquisadores/as que se definem como homens cisgênero, de diferentes gerações, quem mantém relações afetivo-sexuais com outros homens.

Dessa forma, para a construção desta pesquisa, adotamos como referencial teórico-epistemológico os pressupostos da psicologia social crítica e suas articulações

com o (pós) construcionismo social. Isso porque Spink e Frezza (2013) pontuam que ele se distancia de uma lógica representacionista e assume que o conhecimento surge justamente através da interação entre as pessoas de uma sociedade. Kenneth Gergen (1985), acerca dessa temática, considera que processos interacionais estão envolvidos em uma lógica construcionista da realidade. Afirma, portanto, que “[...] a investigação socioconstrucionista preocupa-se sobretudo com a explicação dos processos por meio dos quais as pessoas descrevem, explicam ou dão conta do mundo (incluindo a si mesmos) em que vivem [...]” (Gergen, 1985).

A partir do (pós) construcionismo, pensamos a noção de sujeito-objeto sendo criada com a interação sócio-histórica, que decorre de contínuos processos de desfamiliarização e problematização (Spink; Frezza, 2013). Com isso, também é adequado refletir sobre a inexistência de uma verdade absoluta presente na natureza em que o/a pesquisador/a irá coletar (o que reflete a lógica representacionista), mas várias verdades que são construídas e situadas em um tempo-espço a partir da interação social.

No âmbito metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória. De acordo com Maria Cecília Minayo (2007), o caráter qualitativo implica o trabalho com possibilidades diversas de análise de significados que, inclusive, não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. O viés exploratório, por sua vez, caracteriza uma busca pelo desenvolvimento de conhecimentos mais aprofundados sobre determinados fenômenos ou grupos (Marconi; Lakatos, 2003).

Considerando o posicionamento teórico-epistemológico e metodológico aqui apresentado, o corpus de análise para esta pesquisa foi produzido a partir de entrevistas narrativas com duração entre 40 a 90 minutos, tendo como participantes homens gays cisgêneros, residentes na região metropolitana do Recife, os quais foram organizados em dois grupos: (1) homens jovens, com idade entre 18 e 24 anos, em 2021 (Grupo-2021); e (2) homens idosos que, no início da década de 1980 (quando se instituíram os primeiros grupos organizados de luta homossexuais em Pernambuco)



tinham entre 18 e 24 anos (Grupo-1981). Em razão da pandemia, as entrevistas foram realizadas de maneira online e conforme orientações disponibilizadas pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP, 2021), garantindo a autonomia do interlocutor diante de sua participação; assegurando o armazenamento adequado dos dados construídos durante o período de pesquisa e proporcionando ambiente virtual seguro para contato com a temática.

Para encontrar os participantes dos dois grupos, foi acionada a rede de amigos que são LGBT+ e puderam indicar possíveis participantes dentro da faixa-etária requisitada. Em decorrência dessa indicação, ocorreu o contato com esses homens e a consulta do interesse em realizar uma entrevista. A partir disso, foi tomada como base a estratégia metodológica “bola de neve” para encontrar novos participantes de pesquisa de ambos os grupos etários. Esse método é um dos possíveis caminhos utilizados em pesquisas que envolvem violência homofóbica e sofrimento psíquico (Vinuto, 2014; Terribili, 2019).

A “bola de neve” consiste em selecionar o/a primeiro/a entrevistado/a e, a partir dele/a, novos/as entrevistados/as vão sendo indicados/as a partir do/a anterior. Essa estratégia se insere neste tipo de projeto, pois por se tratar de um segmento minoritário que está envolvido em um sistema contínuo de possíveis angústias, a tendência é que um quantitativo dessas pessoas procure não se expor (Terribili, 2019). Com tal estratégia, o ato de encontrar essas pessoas é facilitado para o pesquisador e para os participantes.

Para a realização das entrevistas, foi utilizado um roteiro semiestruturado com questões narrativas com base nas orientações de Muylaert *et al.* (2014) e, com isso, o participante entrevistado teve a possibilidade de guiar sua fala para os pontos que julgou mais relevantes dentro da temática. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi apresentado ao interlocutor de pesquisa, que compreendeu com exatidão os itens dispostos e concordou com sua realização. Para tanto, esse processo de entrevista foi gravado utilizando recurso de videochamada pela plataforma Google Meet e, em

seguida, transcrito sequencialmente em arquivo de registro digital, a fim de possibilitar a análise do material dialogado e construído durante as entrevistas. Essa estratégia de transcrição consiste na escuta da gravação pelo pesquisador de modo contínuo ao mesmo tempo em que transcreve, com sua percepção, o conteúdo emergido nas entrevistas narrativas, possibilitando o contato dialógico (Spink; Menegon; Medrado, 2014).

A escolha pelas entrevistas narrativas está assentada na sua utilização como dispositivo de entendimento de modos de subjetivação e ações-no-mundo, que começou a ser tido como relevante para o meio acadêmico na década de 1980, após uma dita crise do conhecimento moderno que estava sendo postulado (Brockmeier; Harré, 2003; Meneghel; Iñiguez, 2007). Até então, elas eram situadas em um campo não-científico, pois a hegemonia acadêmica que estava presente na maior parte do século XX tinha como objetivo final achar meios pelos quais pudesse ser possível encontrar uma verdade absoluta e, conseqüentemente, o estudo de narrativas foi postulado como não-importante para tal fim (Bruner, 1991).

Foi com o giro discursivo que as narrativas foram, portanto, entendidas dentro de um campo interdisciplinar de saber, o que dava embasamento para estudos de diversas questões sociais e humanas (Martínez-Guzmán; Montenegro, 2014). Isso foi possível com a adoção de mecanismos de linguagem que fugissem da concepção de apenas signos e símbolos, mas que passassem a ser tomados como prática social. Tal prática, segundo Martínez-Guzmán e Montenegro (2014), vai no caminho de construir a realidade e está embasada pelos diversos marcadores sociais historicamente situados daquele que enuncia, como gênero, classe, raça e outros.

Já de início, tomamos as narrativas como uma forma de compreender, organizar e dar sentido à vida social das pessoas que estão em um campo de debate e de controvérsias sócio-políticas, como propõe Antar Martínez-Guzmán e Marisela Montenegro (2014) e Joan Pujol e Marisela Montenegro (2013). São os meios pelos quais os sujeitos expressam suas vivências e subjetividades, a partir de uma produção

social e com um endereçamento a um outro sujeito específico, dentro de um contexto cultural definido e relacionadas com habilidades, técnicas linguísticas e comunicativas do sujeito (Brockmeier; Harré, 2003; Kind; Cordeiro, 2016).

Ademais, tais narrativas estão situadas sociohistoricamente (Gubrium; Holstein, 2009 *apud* Kind; Cordeiro, 2016), de modo que suas causas e conseqüências estiveram/estarão relacionadas às motivações de quem narra e para quem é narrado e podem ter um papel de suporte ao/à narrador/a, com o objetivo de que este/a consiga suportar a realidade em que está inserido/a, constituindo-se em função da construção linguística e discursiva (Cabruja; Iñiguez; Vázquez, 2000; Meneghel; Iñiguez, 2007).

Marcos Reigota (2016) discorre sobre o local das narrativas dentro desse aspecto político do conhecimento, pois elas são um recurso que dá visibilidade e reconhece vozes que antes não eram ouvidas por esse tipo de ciência hegemônica. Assim, a narrativa, nessa perspectiva proposta pelo autor, é a “potencializadora” dos grupos minoritários que são colocados às margens do/pelo sistema acadêmico. O ato de narrar coloca em cena um eu narrador e um eu narrado, que vão tecendo linhas e produzindo novos sentidos sobre as experiências possíveis dentro de um contexto situado no presente ou passado à pessoa (Meneghel; Iñiguez, 2007). Ademais, vemos essa potência narrativa nos processos de constituição e mobilização das diversas identidades possíveis construídas (Martínez-Guzmán; Montenegro, 2014).

Os estudos metodológicos recentes apresentam possibilidades de entendê-las partindo de teorias desse campo a fim de compreender a “relação entre subjetividade, linguagem e ação” (Martínez-Guzmán; Montenegro, 2014, p. 112, tradução nossa) nas experiências de gênero e sexualidade. A sua utilização como premissa para a entrevista se dá com o objetivo final da emersão de histórias de vida específicas a partir da interação deste junto a outro participante da entrevista (entrevistador) (Muylaert *et al.*, 2014).

As entrevistas narrativas possibilitam “[...] contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social [...]” (Muylaert *et al.*, 2014,

p. 194), entendendo que as “[...] memórias, intenções, histórias de vida, identidades pessoais são organizadas em padrões narrativos [...]” (Meneghel; Iñiguez, 2007, p. 1816), de modo que são estas unidades significativas que almejam as experiências do passado e as ações possíveis do futuro (Pujol; Montenegro, 2013).

A linguagem, algo que perpassa a narrativa, deve ser entendida como um agente que é capaz de criar momentos dentro de uma sociedade, assim como interferir diretamente na existência das coisas presentes nela (Méllo *et al.*, 2007). Isso ressalta o impacto de uma narrativa relacionada à pessoa LGBTQ+, por exemplo, uma vez que, a partir dela, novos acontecimentos podem ser (re)criados e, potencialmente, participar dos processos de subjetivação das pessoas dentro desse segmento social.

A análise das entrevistas se orientou a partir de uma perspectiva dos estudos sobre a produção de sentidos no cotidiano proposta por Spink (2013) partindo de um processo de seleção do conteúdo construído com o/a interlocutor/a, dando prioridade a alguns campos em detrimento de outros, fez emergir as categorias analíticas dos sentidos produzidos. Esse processo de análise ocorreu de maneira que pudesse aprofundar a imersão dos pesquisadores com o conteúdo, ou seja, deixar que os sentidos pudessem ser produzidos pelo conjunto das informações e pelo detalhamento e categorização delas. Assim, foram estabelecidas categorias de análise a fim de formar os mapas de associação de ideias.

Os mapas têm o objetivo de sistematizar o processo de análise das práticas discursivas em busca dos aspectos formais da construção linguística, dos repertórios utilizados nessa construção e da dialogia implícita na produção de sentido. Constituem instrumentos de visualização que têm duplo objetivo: dar subsídios ao processo de interpretação e facilitar a comunicação dos passos subjacentes ao processo interpretativo. (SPINK, 2013, p. 84).

Diante do mapa construído, foram alocados os trechos transcritos das entrevistas, algo que resultou em um grande compilado de informações, porém, neste momento, sistematizadas e categorizadas. Com o objetivo metodológico de viabilizar

uma melhor e mais profunda análise dos resultados construídos no diálogo com os interlocutores, esse mapa foi sintetizado em uma segunda versão a fim de corroborar com o processo de escrita das análises, prospectando um trabalho mais coeso e coerente com sua proposta. Sendo assim, foram alocadas as seguintes categorias: (1) Produção de sentidos sobre homossexualidade; (2) Mapeamento de produções artístico-culturais importantes na produção de modos de ser gay; (3) Narrativas sobre o modo como passaram a se definir como gay/homossexual em conjunto com a produção cultural.

Por fim, também foi alocado neste mapa sintetizado de ideias o mapeamento de produções/personas artístico-culturais, especialmente, mas não de forma exclusiva, no campo da música, importantes na produção de modos de ser gay. Foram listadas e quantificadas tais produções/personas dentro de categorias que surgiram no decorrer da análise. Toda a pesquisa foi realizada respeitando os limites das pessoas que estiveram envolvidas com o projeto, prezando por sua saúde mental, não ultrapassando seu tempo para realizar tal diálogo e informando a elas todos os riscos e benefícios de tal participação.

Por ter sido realizada com seres humanos, o projeto mais amplo no qual este projeto se insere foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (CAAE 30623320.0.0000.5208) e seguiu as Diretrizes e Normas Reguladoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos do Conselho Nacional de Saúde (Resolução CNS N° 466/2012) e a Resolução CNS N° 510/2016 (que orienta sobre especificidades éticas das pesquisas nas ciências humanas e sociais e de outras que se utilizam de metodologias próprias dessas áreas).

Foi possível realizar, ao todo, nove entrevistas narrativas com interlocutores que se enquadravam no recorte estabelecido para esta pesquisa. Desses, quatro são do Grupo-1981 e cinco do Grupo-2021. A partir do método de análise disposto anteriormente, mapa de associação de ideias (geral e sintetizado) e o processo de coloração, foi possível construir os resultados a seguir. Frisamos que os trechos das entrevistas transcritos de forma direta abaixo foram mencionados a partir do nome

escolhido por cada entrevistado, garantindo, assim, o sigilo desta pesquisa, assim como dando oportunidade de criação nominal por cada interlocutor. Ademais, as idades citadas nas transcrições de cada interlocutor de pesquisa são referentes ao ano de 2021, isto é, a idade que possuíam no exato momento de realização das entrevistas.

### **Resultados e Análises**

A partir do processo de mapeamento das produções/personas artístico-culturais presentes nas narrativas dos interlocutores de pesquisa, e que tiveram ligação direta com o modo de subjetivação, algumas relações e distanciamento emergiram. Primeiramente, temos que ressaltar que para ser enquadrado como resultado de pesquisa, o nome de uma produção ou persona não bastava ser apenas citado, mas também dar entendimento, explícito ou não, de que tal menção fez/faz parte da trajetória do entrevistado.

Podemos começar pelas “distâncias” identificadas entre os dois grupos, sendo a primeira delas o momento situado sócio-historicamente em que cada grupo se situa. O primeiro, Grupo-1981, como retratado anteriormente, estava no momento de abertura política durante a sua juventude, algo que decorreu da forte opressão/repressão militar brasileira que objetivava o patriotismo e a concentração de poder em apenas uma classe. Já o outro, Grupo-2021, passava pela juventude com a possibilidade de acesso aos meios de comunicação de forma mais livre e com maior abertura para interação com artistas diversos, nacional e internacionalmente. Wesley Cleivison e Welington, ambos apresentados nos excertos a seguir destacados, ilustram esse momento de repressão social, contrastando com o que foi afirmado por Ikaro:

*Veja bem, esta é uma época de ditadura, correto? Né, então muita coisa era excessivamente velada, ou era dito entrelinhas, ficava nas entrelinhas. Você tinha que ter uma perspicácia muito grande para conseguir puxar aquilo (Wesley Cleivison, 65 anos, Grupo-1981).*

*Sempre quando eu via Ney Matogrosso eu via aquela coisa de gay, mas ninguém falava. Ney, quando surgiu na TV, era época da ditadura ainda e tal, mas ninguém falava. Era engraçado porque, na época, eu me lembro que era adolescente, estava na casa da minha*

*tia, ainda, não se falava muita coisa que você não pudesse explicar, né? E como era época de ditadura, então as pessoas não costumavam serem abertas. Você sabia que alguém tinha morrido. As pessoas sabiam que alguém foi... sumiu, desapareceu, foi preso, né? Então as pessoas viviam com um certo medo (Wellington, 59 anos, Grupo-1981).*

*Na minha adolescência foi quando Lady Gaga estourou, aí eu conheci Lady Gaga, aí os viados mais velhos que eu falei que eu ficava junto, que eu andava, me apresentaram, foi mais na base das divas POPs o primeiro momento assim da minha adolescência, depois fui conhecendo outros estilos musicais [...]. Quando eu era criança, eu já escutava Racionais, Mano Brown, MV Bill... eu sempre gostei por influência de família, também, de primo, pá... E eu fui gostando, eu me identificava que eu gostava na época, quando eu era criança, do povo cantando rápido, eu não entendia nada, depois eu ia pesquisar a letra [na internet] pra entender o que eles estavam falando, e essa parte, sempre tinha uma crítica social. Não sempre, mas muitas das músicas tinham crítica de cunho social e eu sempre identifiquei as mazelas da questão social desde que eu era criança. Eu sempre via que as coisas estavam erradas na sociedade, tinha coisa errada na sociedade, então eu me identificava com o discurso deles [...]. (Ikaro, 22 anos, Grupo-2021).*

Sendo assim, identificamos também uma diferença no tipo de conteúdo que chegava a esses homens. O Grupo-1981, em outros momentos das entrevistas, citou diversos conteúdos em formato textual, como Lampião da Esquina e Darcy Penteado, além de trazer a vivência dos palcos no quesito audiovisual dentro de suas construções de subjetividades. Algo que também denota o momento social da época e o maior contato com artistas e produções nacionais do que internacionais, como com Gilberto Gil, Ney Matogrosso e Angela Ro Ro.

Diferentemente, o Grupo-2021 traz o Youtube como recurso midiático importante para a construção de si como homens gays. Com o avanço do acesso aos meios digitais vinculados à internet, canais como LorelayFox e Diva Depressão foram um dos que tiveram esse diálogo com tais jovens. A internet também facilitou o contato com artistas internacionais e isso pode ser refletido, por exemplo, por esse grupo de interlocutores, os quais trouxeram quase o triplo de artistas internacionais em suas narrativas. Ademais, nota-se que os/as artistas representados por este grupo, como Lady Gaga, Gloria Groove, Pablllo Vittar, Liniker, dentre outros/as, como citados por Ikaro no excerto acima, abordam de forma mais explícita a discussão da diversidade de gênero e de sexualidade quando comparados/as com os citados anteriormente. Isso decorre

justamente da atual potência para a abertura sócio-histórica-política que propicia a construção de novas formas de ser.

Os/as artistas e produções nacionais já foram um quesito similar entre os grupos dentro do critério de menção nominal por artista e do gênero musical popular (POP). Mesmo com essa similaridade de menção, os nomes são diferentes, algo que demarca essa transição de geração de uma música marcada muito pelo POP e MPB das décadas de 1970, 1980 e 1990, como Ney Matogrosso, Angela Ro Ro, Caetano Veloso, dentre outros/as, para o POP, Alternativo/Indie e Funk dos anos 2000/2010, como Johnny Hooker, Banda Uó, Anitta, dentre outros/as, sendo Cazuza uma possível ponte geracional por ter aparecido em ambos os espaços e por transitar nos marcadores discursivos presentes similarmente nos processos de socialização de ambos os grupos.

Partindo dessas narrativas com a música, foi possível estabelecer relações com esse tipo de produção cultural e as construções de modos de subjetivação gay pensando nos sentidos sobre a homossexualidade e o modo pelo qual esses homens começaram a se autoafirmar gays. De forma similar com os acontecimentos narrados pelo Grupo-2021, os homens do Grupo-1981 demonstraram passar por dificuldades, quando mais novos no período escolar, para se afirmarem gays por conta de alguns fatores, como: a falta e/ou dificuldade de acesso à informação pautada na diversidade e/ou diálogo com produções culturais (ex. música, teatro, cinema); ter que se relacionar com meninas por pressão do padrão regido pelas normas ligadas à cisheterossexualidade e vinculadas aos dispositivos sociais, como família e igreja. O período e os modos de socialização relatados por Alexandre Sampaio representam tais dificuldades na afirmação como gay:

*Tinham coisas que mesmo sem o conhecimento, mesmo sem informação, por isso que eu falei a história do espírito antigo, eu dizia 'gente? Não entendo porque...', entendeu? Os travestis, né, eram menos visíveis, mas já existiam, lógico, sempre existiram, ainda bem, sempre existirão. Aí quando alguém falava 'não, porque fulano é travesti, ou mesmo gay, porque o filho de fulano é gay' aí eu... tipo, e aí? Na escola, essa escola que eu passei tantos anos na educação católica, aí mesmo sem nenhuma informação... ao contrário, tinha toda informação pra seguir aquilo à risca, por isso que eu questionava umas coisas,*



*'ai não, mas Maria engravidou do anjo, como assim?'. Mesmo sem entender exatamente como um bebê era concebido, eu sempre achava um absurdo uma mulher engravidar sem... virgem, sabe? Então, quando eu falo pra você que fui tendo entendimento, as coisas foram ficando mais claras pra mim, mas porque as coisas também foram acontecendo. Eu não precisei que ninguém chegasse pra me ensinar; eu não precisei recorrer a livros, nada, as coisas... o meio... foi tipo um autoconhecimento, a vida foi me ensinando, digamos assim (Alexandre Sampaio, 58 anos, Grupo-1981).*

É possível refletir, por meio de tais análises, que esses fatores podem se intensificar pela falta de um local e apoio seguro para aqueles jovens, desde uma rede ativa de amigos durante os períodos iniciais da pré-adolescência/juventude, até a utilização das próprias produções culturais como local de refúgio, uma vez que estas tinham que tratar sobre a homossexualidade como algo não-dito/implícito, pontos esses trazidos por Jackson Junior a partir de sua forma de contato com a música na época:

*Já em meados da década de 80 é que começa a se fazer essa coisa de... de... dar um certo cartaz para esses espetáculos do Vivencial Diversiones, mas por conta da questão cultural, né, cultura. Teatro é cultura, cinema é cultura, música é cultura e por aí vai. Agora, artista consagrado, esses dificilmente eles abriam o bico sobre [a própria sexualidade], nem Cauby Peixoto e olha que Cauby Peixoto é uma bicha desde antes de eu nascer, Cauby Peixoto já era uma bichona da música, essa coisa toda, mas ele tinha aquela coisa porque os patrocinadores dele, os empresários dele, assim, forçavam muito uma barra. Ele ia pros lugares era rasgado pelas mulheres... ele nunca gostou de mulheres, a não ser pra cantar junto com ele... como amigas dele, como Angela Maria que morreu amiga dele, entendeu? Quer dizer, não era uma coisa, ele não abria a boca pra dizer que era... que gostava de homem. Ele só fez isso nos anos 90, porque nos anos 90 também todo mundo já era, todo mundo fazia e fazia mesmo e já tinha Cazuza que tinha dito que gostava de homem, teve aquele menino do Legião Urbana também que gostava de homem e outros, e outros, e outros... aí também, pô, era difícil, você... era melhor você assumir mesmo 'eu gosto [de homem]' e acabou-se (Jackson Junior, 62 anos, Grupo-1981).*

Em contraste com esse modo de estar em contato com o não-dito homossexual, Ikaro relata como foi possibilitada, em sua construção de si, essa aproximação com as artistas como forma própria de empoderamento, utilizando o campo musical como local de refúgio e de construção. De forma semelhante, Vicente demonstra justamente essa representatividade proporcionada por artistas que se alinham com sua forma de ser gay,

abrindo espaço para se reconhecer no outro e, a partir disso, também se reconhecer em si mesmo.

*[Eu me identificava] primeiro [com] a voz delas, né, que são lindas, é mais uma relação de porte, sabe? De, tipo, como é que eu posso explicar esse porte... de afirmação, de ser mulheres fortes, pessoas fortes, e eu acho que eu me identificava nisso, sabe? Porque, naquela época, eu não era tão forte assim, e eu queria ser, talvez. Acho que era mais nisso [que eu me identificava]. [...] Eu era bobinho, né, criança, ainda se descobrindo, é... entendendo as coisas e as pessoas acabam lhe usando, né? Aí eu me isolava na música. Na verdade, eu sempre fui uma pessoa que gostava muito de me isolar, e sempre nesses isolamentos, a música fez parte disso, aí teve momentos que eu só, tipo, tinha essas cantoras para estarem comigo, né? E eu via elas como pessoas fortes e isso me inspirava a ser também assim, né? (Ikaró, 22 anos, Grupo-2021).*

*[...] e eu fiquei 'nossa, ele [Troye Sivan] é um menino gay, ele canta sobre isso e as músicas dele são boas', então o primeiro contato que eu tive na adolescência [com cantores homens LGBT] foi só com ele. Aí de uns tempos pra cá que daí tem o João, tem um cantor da Coreia que se chama Holland que ele é assumidamente gay [...]. Até hoje, o único cantor que eu me identifico [com as letras das músicas e com os clipes] são com as músicas dele [Troye Sivan]. [...] E essa trilogia [de clipes] eu fiquei 'nossa, ele tá falando abertamente de um relacionamento dele com um menino gay' sabe? Era uma coisa que eu ficava 'nossa, queria muito', sabe? Ele é uma pessoa que nem eu, sabe, e ele tá lá fazendo sucesso. E letras de música também, sabe? Paixão adolescente que não era correspondida e daí eu via as músicas dele pra chorar no quarto assim pra 'ah, ele não gosta de mim', coisas assim, sabe? Quando eu comecei a aprender inglês, no caso, eu fui ler as traduções das músicas e ele tem uma música chamada Heaven que fala sobre 'se não me aceitarem no céu do jeito que eu sou, eu não vou pro céu e acabou', sabe? E foi uma música que me pegou muito, muito, muito, muito. Eu fico arrepiado de falar ela. Daí eu fiz 'tá, me identifico muito com as letras dele' (Vicente, 19 anos, Grupo-2021).*

Um ponto de relevância é que mesmo passando por tais fatores que dificultaram esse primeiro momento na sua autoafirmação como homem gay, esses sujeitos dos excertos acima não demonstraram ter problemas subjetivos com a sua própria sexualidade, mesmo, em certos momentos, não sabendo exatamente como defini-la por falta de referência na sociedade. Essa referência começa a ser expandida quando esses homens passam a explorar mais ativamente a vida urbana da capital pernambucana, Recife, a partir da conquista de uma maior independência social, como com a entrada na universidade ou moradia definitiva neste centro urbano.

Como pode ser observado nos trechos abaixo, a relação do Grupo-2021 com suas famílias também foi conturbada principalmente durante o período da adolescência, pois era tido como esperado uma postura heteronormativa por parte desses homens, os quais, muitas vezes, possuíam o oposto indo em direção à feminilidade. Essa feminilidade pôde ser vista na performance existencial destas pessoas em conjunto com suas identificações com figuras femininas musicais, por exemplo com Sharpey do filme High School Musical, drag queens do Youtube, como Lorelay Fox, e cantoras/es como Lady Gaga e artistas da Banda Uó.

*Eu sou gay, mas eu gosto de ser homem (risos). E eu falo isso porque minha avó, depois que descobriu que eu era gay, ela tá doida para que eu me assuma como uma menina também, sabe? Ela fica me chamando no feminino e tals, assim, é uma ideia meio equivocada que ela tem, sabe? Ela acha que por eu ser gay, já já eu vou me assumir como mulher também. É assim que funciona na cabeça dela, mas eu gosto de ser menino [...] (Marcos Santos, 22 anos, Grupo-2021).*

*É que é bem complicado minha história, como [homem] gay. Como eu te disse, eu sempre fui muito afeminado, sempre gostei de musicais e queria ser a Sharpay do High School Musical quando eu era criança. [...] Então, aí eu fui crescendo e eu sempre fui muito alto, aí eu acho que, com 12 anos, já cobravam em mim uma masculinidade que eu não via, uma sexualidade, na verdade, que eu não via, aqui dentro da minha casa, sabe? Meu pai e tal porque eles são do interior, meu pai, e ele achava que com 12 anos o cara já tem que ter mulher, já tinha que ter metido, sabe? E eu não me assumi para a minha família, minha família que me assumiu porque todo mundo me chamava de 'viado e tals' e eu não ligava para isso porque... criança, sabe? Aí um belo dia meu pai chegou extremamente bêbado e começou a gritar dizendo que eu era gay, que eu era bicha, essas coisas e foi só isso. Eu olhei pra ele e falei 'tá, eu sou', eu não sabia nem, tipo, o que vinha no sexo, nem nada assim. Nunca tinha beijado menino, mas como as pessoas já me chamavam assim e ver ele fazendo um furdunço na minha casa, gritando, minha mãe meio que chorando, minha avó, todo mundo... eu peguei e falei 'tá, então eu sou. Se vocês acham que eu sou gay, eu sou' e aí eu só descobro a sexualidade no âmbito sexual mais tarde [...] (Vini, 23 anos, Grupo-2021).*

Ocorreram embates nessas famílias, como visto nos excertos acima mencionados, de Marcos Santos e Vini, algo que resultou, por vezes, na saída de um dos membros familiares de casa, principalmente o pai, assim como em prejuízos à saúde mental, como pensamentos suicidas e isolamento social. Essa relação também está diretamente atrelada ao sentido dado às questões financeiras por parte de alguns

entrevistados, relacionando a independência individual monetária com a liberdade de se expressar da forma como quiser, como comprar roupas mais afeminadas ou, até mesmo, ser amado.

Devido à opressão exercida pela sociedade nos modos de expressão LGBTQ+ da época, como ressaltado anteriormente, o Grupo-1981 teve como inspiração essa feminilidade de forma mais velada promovida pelos artistas da época. Ney Matogrosso, cantor mais citado pelos interlocutores deste grupo, por exemplo, possuía sua forma de dançar, de aprontar e de revolucionar voltado para uma quebra na expectativa de seu gênero, similarmente a Cauby Peixoto, ambos “dando tinta”, usando adereços como gloss, lápis de olho, cabelo arrumado e ternos de cetim brilhantes. Diante disso, os homens tinham esses cantores como fontes de inspiração de transgressão da heteronorma, como apresentado nos excertos a seguir.

*Essa postura [afeminada dele era] o guarda-roupa dele, a maquiagem dele, o ‘não existe pecado do lado de baixo do Equador’ que ele gravou [...]. Os ‘segredos de um liquidificador’ de um Cazuza [...] (Wesley Cleivison, 65 anos, Grupo-1981).*

*Na época [do Vivencial Diversiones, 1970-1980], ninguém chamava ninguém de ‘gay’. Ou era ‘frango’ ou, quando muito, era ‘homossexual’. [...] Tinha algumas músicas que não deixavam definido o sexo do cantor. Então o cantor, a cantora... as músicas de Chico Buarque, por exemplo, eram músicas que qualquer pessoa podia cantar pra qualquer pessoa. De Chico Buarque, de Caetano Veloso, de Gilberto Gil, esses que eram os três grandes ícones pra mim, e Milton Nascimento, também, mas principalmente esse tripé. [...] Também Pepeu Gomes, dos Novos Baianos, ‘Sou um homem feminino, ser um homem feminino não fere meu lado masculino’, quer dizer, isso foi tudo no início dos anos 80 que essas coisas, essas músicas aconteceram, mas antes teve o Secos e Molhados (Jackson Junior, 62 anos, Grupo-1981).*

[Eu identificava cantores LGBT na música: o Ney Matogrosso] *a Marina Lima, que eu gostava muito e gosto até hoje, a Angela Ro Ro, o Cauby Peixoto, mais pelo tipo dele, assim, mais cafonão, sabe? Não que eu me identifique exatamente com as músicas, mas reverencio o talento e, digamos, a ousadia. Sempre foi assim, não assumia publicamente porque era difícil, né? Mas, tipo, colocava um gloss, um lápis nos olhos, um cabelo sempre arrumado, um cravo, assim, uns ternos sempre de cetim, muito brilhosos. Enfim, eu gostava daquela ousadia dele. [...]* [Eu me identificava com os cantores que citei anteriormente] *certamente o escracho também de falarem abertamente sobre sua identidade sexual, desde sempre, então aquilo me fascinava, mas mais o tipo de música mesmo. O Ney, além das músicas, era o biotipo, assim como o Cauby, guardada as devidas proporções. Era outro estilo, mas eram personagens, né? Você sabia que a pessoa não era assim na vida (Alexandre Sampaio, 58 anos, Grupo-1981).*

A rebeldia e forma de ser exótica de Ney Matogrosso, as formas com que Angela Ro Ro falava sobre seus relacionamentos de forma mais aberta para a mídia e público, a sexualidade dúbia presente nas letras de Caetano Veloso e Gilberto Gil foram pontos que, como diz um dos entrevistados, “[...] para muitos entendedores, não precisava mais de discurso não [...]” (Wesley Cleivison, 65 anos, Grupo-1981). O não-dito era transposto para as letras, performances e existências gerando, assim, possibilidade de conexão com essas produções e, conseqüentemente, construções diversas de subjetividades gays por parte dos homens que tinham como escudo admirável tal ato de transgredir.

*Ele [Ney Matogrosso] não precisava fazer um discurso, ele era um discurso, né? Ele, enquanto Secos e Molhados, enquanto Ney, o artista, ele era o discurso. Eu acho que aquela postura dele, não precisava de palavras, né? E, até mesmo, o repertório que ele cantava, né? (Wesley Cleivison, 65 anos, Grupo-1981).*

Os sentidos produzidos a respeito da homossexualidade e os modos como passaram a se definir como gay foram inspirados nas performances midiáticas que transpassaram as vivências dos entrevistados, como abordado abaixo por Pedro. Nota-se que o jogo performático de cada um está situado dentro deste campo artístico-musical, desde sentir uma reação diferente vindo de outras pessoas de seu meio no momento em que estas artistas foram ligadas ao movimento LGBT+, colocando o “gay” no lugar de chacota social, até com a permissão dada por essas figuras, no parâmetro representativo

e de identificação, pontos esses sinalizados abaixo por Vicente, de se expressar livremente, sendo uma fonte de apoio que, na maioria dos casos, faltou durante o seu desenvolvimento ontogenético como homem gay.

*Lady Gaga foi a maior [inspiração] por muito tempo, até hoje é uma grande inspiração. Ela foi muito importante, assim, porque, nos clipes, ela sempre trouxe essa questão. Eu lembro da primeira vez que eu assisti Alejandro, até hoje, porque como era algo muito proibido, eu tive medo de assistir no Youtube. Então, eu lembro que eu comprei um CD que era um DVD do Justin Bieber que vinham vários clipes da época e um dos clipes era Alejandro. Eu lembro que eu tranquei toda a casa pra assistir e eu 'nossa, o que é isso' né? E ela sempre falava em entrevista, ela sempre defendeu muito a causa, porque ela é LGBT, mas ela sempre defendeu muito a comunidade gay e sempre falou muito da questão gay. Era algo que eu era muito julgado na minha infância por escutar Lady Gaga porque o pessoal dizia 'olha, essa mulher tá metida com viado, isso não pode', mas ela foi a principal referência, assim... Gaga, Glee, acho que foram os pioneiros, assim, pra eu ir conhecendo outros artistas e tal (Pedro, 22 anos, Grupo-2021).*

*Eu ainda tinha algumas ressalvas, assim, alguns medos, só que daí quando a Pablllo estourou no Brasil, sabe? Todo mundo falava o nome da Pablllo, lá quando ela tinha lançado K.O., eu fiquei 'caralho, ela é uma Drag Queen, ela é um menino de peruca e ela tá sendo a artista nacional mais ouvida em todos os cantos, aqui no Brasil'. Então, foi um dia que eu fiz 'certo, talvez eu esteja indo no caminho certo em não esconder quem eu sou', sabe? Ela ganhando o troféu de Música do Ano na premiação do Faustão, eu fiquei 'meu Deus, a Pablllo está ganhando da Anitta!', sabe? Então foi uma coisa que 'tá, a Pablllo é uma artista gigante e a Pablllo me representa nesse momento' (Vicente, 19 anos, Grupo-2021).*

A presença no palco, o jeito “estranho de ser”, a maquiagem e os brilhos das vestimentas, foram pontos levantados pelos entrevistados, aqui destacado no excerto abaixo de Pedro, no quesito musical e que permearam os sentidos produzidos sobre a homossexualidade.

*Mesmo eu sendo, desde cedo, uma criança que nunca se encaixou muito bem nos padrões de masculinidade, né? Eu sempre me vi como homem, mesmo quando eu queria me maquiar ou vestir roupas ditas femininas, eu sempre me entendi muito bem assim como homem. [...] Desde muito cedo eu sempre gostei muito de performar, de... aí já entra a questão da música, né? Mas eu sempre fui muito inspirado nas mulheres da música, então sempre gostei de desenhar, de maquiagem. E, em algum momento nessa minha infância, eu comecei a fazer em mim mesmo porque eu não tinha tempo de fazer com minha mãe, com minhas tias, enfim. Aí eu lembro que até uma tia, quando ela tava muito cansada, ela dizia 'ah menino, vai, se maquia tu mesmo'. [...] Eu era fascinado pelos figurinos da Joelma, mas eu gostava muito, por exemplo, da Floribella [...]. A minha maior influência, não sei*

*como deixei passar batido, mas Glee porque quando estreou aqui no Brasil, acho que foi 2010, foi a primeira série que tinham personagens gays, não exatamente nesse lugar da chacota, como era no Zorra Total que sempre teve personagem gay nesse lugar da chacota, ou no Big Brother que sempre colocavam Serginho, Dicesar, nesse lugar de chacota. Eu acho que foi a primeira série que eu pude ir me reconhecendo através dos personagens, não só dos personagens gays, e foi, por exemplo, a primeira vez que eu vi um beijo gay em série que não fosse eu pesquisando em site pornô, né? Então foi a primeira vez que eu fui naturalizando essa coisa, via um romance gay... e pronto, e foi uma influência musical, é uma influência musical muito forte pra mim (Pedro, 22 anos, Grupo-2021).*

Todos os interlocutores do Grupo-2021 passaram por momentos de questionamentos a respeito de suas sexualidades durante o período da infância e adolescência. Naqueles momentos, ocorreu a indagação própria partindo de uma curiosidade a respeito da atração pelo mesmo gênero ou, até mesmo, pela contraposição à pressão heteronormativa das outras pessoas do ambiente (como amigos/as e família). Seguindo da afirmação de si como homem gay que é permeada pela maior relação com grupos de meninas, pela ligação com cantoras/es que foram relacionadas pela sociedade à pauta LGBTQ+, pela falta de diálogo e acolhimento por parte das famílias e pela identificação com desejos tidos como femininos dentro do esperado socialmente.

Torna-se válido ressaltar, também, que esses modos de definição de si, no âmbito da sexualidade dos interlocutores do Grupo-2021, foram remetidos às performances brilhosas das cantoras, principalmente do gênero POP, além da persona forte, potente e transgressora que elas carregam consigo, algo também similar aos de 1981. Essa persona se torna fator de identificação por parte desses homens que enxergam nessas cantoras algo que, em grande parte de suas vivências, não possuíam: a possibilidade de se expressar livremente e de ir de encontro com as normas sociais depositadas nas expectativas relacionadas às vivências individuais. É entender a música como papel de mudança, objetivando encontros que antes não eram possíveis diante da falta do apoio social, falta essa que promoveu novas incursões na saúde mental desses interlocutores, como já citado anteriormente.

## Considerações Finais

A partir da realização desta pesquisa, foi possível dialogar com interlocutores gays de diferentes gerações e construir pontes e distanciamentos dentro de suas vivências. Como disposto anteriormente, tivemos construções de subjetividades gays marcadas pelas dificuldades impostas pelos dispositivos sociais, como família, igreja e escola, assim como pela repressão do contexto político-social da época em que as respectivas juventudes estavam/estão situadas. Além disso, os sentidos produzidos sobre a homossexualidade também estão entrelaçados dentro desse emaranhado de fatores perpassando as produções culturais, especialmente as musicais, dentro da vida destes homens.

Tivemos como apontar a música como fator que auxilia nessas construções de si, partindo de performances que vão de encontro com as normas pautadas na cisheterossexualidade das épocas relatadas. Se por um lado esse fator auxilia promovendo a possibilidade de ser um homem voltado para a feminilidade, utilizando roupas, maquiagens e brilhos, por outro também se torna um local de refúgio em meio a esse contexto que continua oprimindo esse segmento social.

Por fim, também foi possível perceber diferentes tipos de acessos e afastamentos promovidos no quesito de informações pautadas na diversidade e como os momento sócio-histórico impactou positiva e negativamente nesses pontos. O Grupo-1981, por exemplo, teve sua juventude entrelaçada ao levantamento de muros por parte dos militares a partir do golpe de 1964, e isso interferiu no silenciamento das mídias disponíveis na época, como com a censura de músicas, a não promoção de elementos culturais que mostrassem uma sexualidade livre (ex. teatro/cinema) e a dificuldade de acesso a conteúdo estrangeiro. Diferentemente, o Grupo-2021 teve sua juventude marcada pelos avanços da internet em meio a uma democracia, mesmo que com grandes entraves dentro deste tipo de governo. A internet possibilitou uma



comunicação mais ampla, não vista nos anos 80, que permitiu que esses jovens pudessem ter acesso a produções diversas, nacional e internacionalmente.

### Referências

ANTUNES, Pedro Paulo Sammarco. Homens homossexuais, envelhecimento e homofobia internalizada. **Revista Kairós – Gerontologia**, v. 20, n. 1, p. 311-335, 2017.

BRAGA, Iara Falleiros *et al.* Violência familiar contra adolescentes e jovens gays e lésbicas: um estudo qualitativo. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. 3, p. 1295-1303, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0307>. Acesso em: 02 de agosto de 2022.

BRANDÃO, Tânia; SARAIVA, Luísa; MATOS, Paula Mena. O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: especificidades do contexto português e brasileiro. **Análise Psicológica**, XXX, n. 3, p. 301-313, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.14417/ap.568>. Acesso em: 10 de dezembro de 2021.

BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia: reflexão e crítica**, v. 16, n. 3, p. 525-535, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300011>. Acesso em: 20 de março de 2021.

BRUNER, Jerome. The Narrative Construction of Reality. **Critical Inquiry**, v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991.

CABRUJA, Teresa; ÍÑIGUEZ, Lupicínio; VÁZQUEZ, Félix. Cómo construimos el mundo: relativismo, espacios de relación y narratividad. **Anàlisi**, v. 25, p. 61-94, 2000. Disponível em: <https://ddd.uab.cat/record/808>. Acesso em: 20 de março de 2021.

COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA (CONEP). **Ofício circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS**. Assunto: Orientações para procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual. Ministério da Saúde, 2021. Disponível em: [https://conselho.saude.gov.br/images/Oficio\\_Circular\\_2\\_24fev2021.pdf](https://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf). Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

FERREIRA NETO, João Leite. A Analítica da Subjetivação em Michel Foucault. **Rev. Polis e Psique**, v. 7, n. 3, 7-25, 2017.

FRY, Peter. Da hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil. In: FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 87-115, 1982.

GERGEN, Kenneth J. The social constructionist movement in modern psychology. *American Psychologist*, v. 40, n. 3, p. 266–275, 1985. Disponível em: <https://doi.org/10.1037/0003-066X.40.3.266>. Acesso em: 13 de dezembro de 2023.

GREEN, James N. **Além do Carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados**: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, v. 5, p. 07-41, 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 22 de março de 2021.

KIND, Luciana; CORDEIRO, Rosineide. Os encontros que compõe o ofício de pesquisar. **Athenea Digital**, v. 16, n. 2, p. 307-324, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5565/rev/athenea.1835>. Acesso em: 04 de abril de 2021.

MANSANO, Sonia Regina Vargas. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 8, n. 2, p. 110-117, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTÍNEZ-GUSMÁN, Antar; MONTENEGRO, Marisela. La producción de narrativas como herramienta de investigación y acción sobre el dispositivo de sexo/gênero: Construyendo nuevos relatos. **Quaderns de Psicologia**, v. 16, n. 1, p. 111-125, 2014. Disponível em: <https://raco.cat/index.php/QuadernsPsicologia/article/view/292566>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2021.

MÉLLO, Ricardo Pimentel *et al.* Construcionismo, Práticas Discursivas e Possibilidades de Pesquisa em Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 3, p. 26-32, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300005>. Acesso em: 04 de março de 2021.

MENEGHEL, Stela Nazareth; IÑIGUEZ, Lupicínio. Contadores de histórias: práticas discursivas e violência de gênero. **Cad. Saúde Pública**, v. 23, n. 8, p. 1815-1824, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2007000800008>. Acesso em: 09 de janeiro de 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 26 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MONTEIRO, Gabriel Holanda; SILVA, Naiana Rodrigues da. “Come on, Vogue!”: Madonna e a construção da identidade LGBT através da representação simbólica na música pop. **Temática**. Ano XIV, n. 1, jan, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8931.2018v14n01.37974>. Acesso em: 01 de julho de 2022.

MUYLAERT, Camila Junqueira *et al.* Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista Esc Enferm USP**, v. 48, n. 2, p. 193-199, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>. Acesso em 14 de fevereiro de 2021.

PARENTE, Jeanderson Soares; MOREIRA, Felice Teles Lira dos Santos; & ALBUQUERQUE, Grayce Alencar. Violência física contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais no interior do nordeste brasileiro. **Rev Salud Pública**. v 20, n. 4, p. 445-452, jan, 2018.

PERUCCHI, Juliana; BRANDÃO, Brune Coelho; VIEIRA, Hortênsia Isabela dos Santos. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 68-75, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000100009>. Acesso em: 18 de junho de 2021.

PUJOL, Joan; MONTENEGRO, Marisela. Producciones Narrativas: una propuesta teórico-práctica para la investigación narrativa. *In*: PAULÍN, Horacio Luis; NOCETTI, Maite Rodrigou. **Coloquios de investigacion cualitativa**: desafios em la investigacion como relacion social. Córdoba: Socialex, p. 15-42, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11086/18769>. Acesso em: 06 de maio de 2021.

REIGOTA, Marcos. Aspectos teóricos e políticos das narrativas: ensaio pautado em um projeto transnacional. *In*: CORDEIRO, Rosineide; KIND, Luciana. **Narrativas, gênero e política**. Curitiba: Editora CRV, 49-66, 2016.

SILVA, Alicia Lana Mesquita *et al.* A relação entre comportamento social em adolescentes e música: uma revisão sistemática. **J Health Biol Sci. J**, v. 8, n. 1, p. 1-7, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12662/2317-3076jhbs.v8i1.2949.p1-7.2020>. Acesso em: 26 de setembro de 2021.

SILVA, Robson Aparecido da Costa. **O armário entre jovens gays no sertão do Pajeú**. 188 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em

Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2022. Disponível em: <https://www.repositorio.ufal.br/handle/123456789/11360>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

SPINK, Mary Jane (org) *et al.* **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano**. Edição virtual. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013.

SPINK, Mary Jane; MENEGON, Vera Mincoff; MEDRADO, Benedito. Oficinas como estratégia de pesquisa: articulações teórico-metodológicas e aplicações ético-políticas. **Psicologia & Sociedade** [online], v. 26, n. 1, pp. 32-43, 2014.

SPINK, Mary Jane P.; FREZZA, Rose Mary. Práticas Discursivas e Produção de Sentido: a perspectiva da psicologia social. In: SPINK, Mary Jane (org) *et al.* **Práticas Discursivas e Produção de Sentidos no Cotidiano**. Edição virtual. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, p. 1-21, 2013.

TERRIBILI, Marco D. The social network coming-out: planning a survey about LGBTQ population(s) on Instagram. **Rivista Italiana di Economia Demografica e Statistica**, LXXIII(3), p. 89-100, 2019. Disponível em: [http://www.sieds.it/listing/RePEc/journal/2019733P08\\_088\\_terribili\\_sieds\\_LGBTQ\\_2019\\_corr.pdf](http://www.sieds.it/listing/RePEc/journal/2019733P08_088_terribili_sieds_LGBTQ_2019_corr.pdf). Acesso em: 19 de março de 2021.

VINUTO, Juliana. A Amostragem em Bola de Neve na Pesquisa Qualitativa: um debate aberto. **Temáticas** (Campinas), v. 22, n. 44, p. 203-220, ago/dez, 2014. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 19 de março de 2021.

ZAROBÉ, Leyre; BUNGAY, Hilary. The role of arts activities in developing resilience and mental wellbeing in children and young people a rapid review of the literature. **Persp Public Health**, v. 137, n. 6. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/1757913917712283>. Acesso em: 15 de dezembro de 2023.

Musical cultural productions in the construction of cisgender gay subjectivation modes across different generations

Abstract: This article presents some results of qualitative research aimed at analyzing the interplay of cultural productions in the construction of gay subjectivity, through dialogues with individuals from different generations. We assume that in a society marked by regimes of truth linked to heterosexuality and cisgender norms, the

production of oneself is organized according to various regulations, and cultural productions have acted as catalysts and aesthetic producers of possible arrangements over generations. Our reading is guided by a (post)constructionist feminist epistemological lens, and our corpus of analysis was produced from narratives produced by cisgender gay men residing in the Metropolitan Region of Recife, who were organized into two groups: (1) young men between the ages of 18 and 24 in 2021; and (2) older men who, in the early 1980s (when the first organized homosexual rights groups were established in Pernambuco), were between the ages of 18 and 24. The analysis of discursive practices was guided by the construction of dialogical maps, from which it is generally perceived that music plays a special role in self-construction, either as a means of recognition by what resembles the supposed self or as a space of support/refuge for situations of violence, ensuring the possibility of free expression and transgression of socially imposed norms.

Keywords: Gay subjectivation. Music. Narratives. Generational study.

**Recebido: 16/05/2023**

**Aceito: 19/03/2024**